



**TEORIZAÇÕES DES-POÉTICAS A PARTIR DA FRONTEIRA-SUL: uma
aprendizagem do des-aprender**

**UN-POETIC THEORIZATIONS FROM THE SOUTHERN BORDER: a
learning of un-learning**

**TEORIZACIONES ANTIPOÉTICAS DESDE LA FRONTERA SUR: un
aprendizaje del des-aprender**

Pedro Henrique Alves de Medeiros¹

Contradizendo Clarice, des-escrever aqui não me cansa, porque já faz parte de minha luta por uma libertação de um modo de pensar outro, sem o peso de uma tradição assentada na Razão ocidental moderna. Des-escrever (na verdade como um re-escrever) aqui vem de documentos da cultura indígena em que se lê que 'aprender a desaprender, para poder así re-aprender' seria o começo para se pensar e propor uma gramática da descolonialidade como defende Walter D. Mignolo em *Desobediencia epistémica* (2010).

Edgar César Nolasco. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5872-1626>. Email: pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

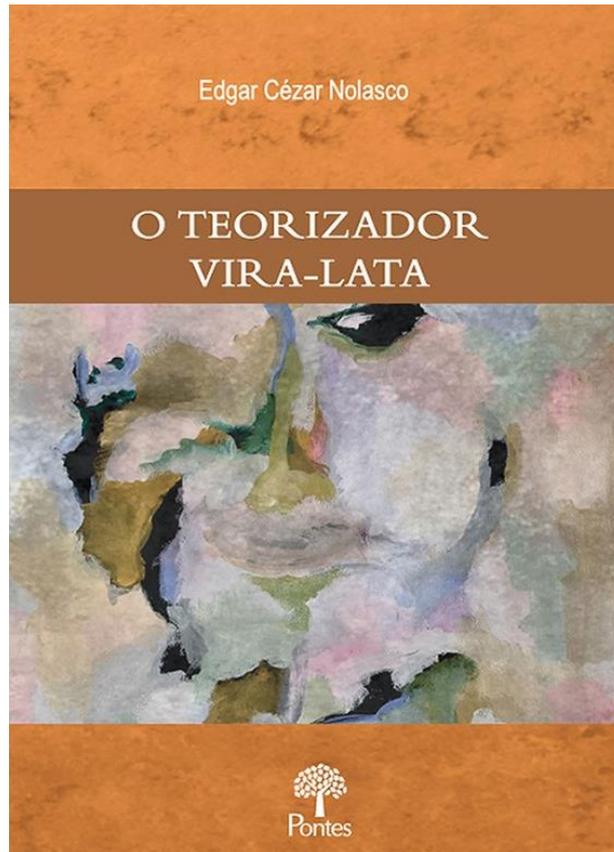


FIGURA 1 – Capa do livro *O teorizador vira-lata* (2022) de Edgar César Nolasco

Fonte: https://www.ponteseditores.com.br/loja/image/cache/catalog/2022/Capa_Teorizador-600x600.jpg.

Este texto nasce enquanto um cortejo à aprendizagem do des-aprender alcunhada pelo des-poeta, professor, pesquisador e intelectual Edgar César Nolasco em *O teorizador vira-lata* (Figura 1) escre(vi)endo à luz dos arrabaldes crepusculares da fronteira-sul de Campo Grande/MS, tanto em sua dimensão geoistórica quanto, primordialmente, epistemológica. Escre(vi)ver assume aqui um duplo sentido: primeiro, por dimensionar o paradigma *outro* (descolonial) da crítica biográfica fronteira não apenas na gênese da des-poesia de Edgar, mas, sobremaneira, em sua vida (*bios*) + lugar (lócus) = biolócus de docente, pensador

e homem-fronteira que reflete e produz a partir das *fissuras do colonialismo global*². Segundo, por sinalizar uma escolha des-póetica, teórica e biográfica de que *só escre(vi)ve o que quer escre(vi)ver*³ enquanto um *des-sujeito escrevinhador*⁴ de *teorizações des-poéticas biográficas*⁵. Essas, por sua vez, estão calcadas na condição *sine qua non* de uma proposta *outra* com foco nas opções descoloniais e desobediência epistêmica enquanto eleições não apenas conceituais, aos moldes das teorias modernas, mas, sim, de vida, tornando dispensáveis as separações entre o ser des-poeta, professor, pesquisador e intelectual.

Corroborando o duplo significado de escre(vi)ver, evoco a epígrafe supracitada em que o des-poeta discorda de Clarice Lispector, sua amiga política de uma vida inteira, dado que o intelectual dispendeu grande parte de sua jornada acadêmica a se debruçar sobre as vicissitudes literárias da escritora naturalizada brasileira. Entretanto, hoje, passados vinte anos desde a defesa de tese sobre a autora na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o homem-fronteira compreendeu que só um paradigma *outro*, afiançado na descolonialidade, pode dar conta de uma teorização direcionada à *libertação do modo outro de pensar*⁶ que esteja situado para além *do peso da tradição moderna imbricada na razão ocidental*⁷. Em outras palavras, o que quero dizer é que se para o des-poeta, um dia, Clarice, imbuída de múltiplas metaforizações do tecido social, ocupou o lugar de primazia incontestável, hoje, tal presença perdeu força devido ao atravessamento de uma perspectiva *outra* direcionada ao que intitula, através da influência do crítico Walter Mignolo, de des-gramática fronteira⁸.

Então, faço jus à sua formação (UFMG) e prática docente de comparatista em universidade periférica (UFMS) há décadas, ao entrever enquanto orientando,

² NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 102.

³ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 12.

⁴ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 112.

⁵ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 12.

⁶ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

⁷ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

⁸ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

aluno e amigo político que, na atualidade, suas *práxis* des-poéticas e intelectuais se situam muito mais na ancoragem de uma aprendizagem do des-aprender atravessada pelas cosmologias indígenas. Com base nelas, delineia-se o cerne de seu *O teorizador vira-lata* reforçando a ideia de *aprender a desaprender para re-aprender*⁹, ao invés de uma proposta moderna, desconstrutora e analisante passível de metaforizar tudo e todos tal qual, comparativamente, simbolizo neste texto por Clarice Lispector ao articular minhas reflexões com base nas grafias-de-bios¹⁰ que compõem o des-poeta fronteiro em suas produções literárias, teóricas e pessoais.

Dito isso, *O teorizador vira-lata* dá o tom inicial de suas articulações ao preambular a des-poética fronteira com uma epígrafe do crítico argentino Facundo Giurliano sinalizando que a preocupação ali, como, também, em seus outros *livrinhos*¹¹ – termo utilizado por Edgar em *conversas informais*¹² no NECC ao se referir a esses escritos – direciona-se à ideia de que *nossas vidas são possíveis no deserto*¹³. Em expressões mais próximas a nós, *anthropos* fronteiros, opto por substituir deserto por borda, tanto no âmbito geoistórico quanto, eminentemente, epistemológico, isto é, na exterioridade do planeta e do país ditos globalizados. Ademais, pontua ainda na esteira de Facundo, sua sensibilidade *outra* de mundo ao aferir que nossas opiniões emergidas do Sul carregam *o peso de nossos solos* (geo-política) *e as entranhas que brotam se esvaindo por nossas veias* (corpo-política) *ao fluir um sangue quente que ao*

⁹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

¹⁰ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 19.

¹¹ No ano de 2020, em co-autoria com Dênis Angelo Ferraz, colega no Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) coordenado pelo professor Edgar Cézár Nolasco, publicamos o texto intitulado “Sentimentos de um mundo *fronterizo*: resenha da trilogia (des)poética de Edgar Cézár Nolasco” cujo objetivo era realizar uma leitura crítica dos, até aquele momento, três *livrinhos* publicados pelo des-poeta, sendo esses: *Pântano* (2014), *O oráculo da fronteira* (2018) e *A ignorância da revolta* (2019). Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13028>

¹² NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 12.

¹³ GIULIANO *apud* NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 07.

*mesmo tempo que o carregamos, com ele, hermanamo-nos*¹⁴ em prol de um bem-viver coletivo contraposto às fissuras do *colonialismo mundial*¹⁵.

Portanto, não apenas o des-poeta aqui referido, mas, nós, pesquisadores descoloniais, não endossamos o coro uníssonos moderno/colonial *das linguagens que hierarquizam, distanciam, moralizam e ordenam, aquelas mesmas que nos disseram que não seríamos capazes de pensarmos por nós mesmos*¹⁶. As formas que *suleiam* nossas maneiras de pensar e escre(vi)ver enquanto *anthropos* encontram ressonância política na chancela das *semelhanças-na-diferença*¹⁷ e nunca nas *semelhanças-e-diferenças* por entendermos que *há aproximações entre seres e as coisas, existe intercorporeação, mas um nunca pode ser o outro*¹⁸. A ideia de que o eu é um outro e, então, pode falar por ele não existe na des-poética de Edgar. Isso, pois, *pode-se tentar sentir a dor, a perda, a morte do outro, todavia, jamais se colocar no lugar dele*¹⁹ – se é que, realmente, exista esse *suposto outro, com “o” minúsculo*²⁰ à revelia do “grande Outro do século XX”, tal qual o des-poeta questiona ao assumir seu lugar geoistórico e epistêmico de *O teorizador vira-lata*.

Com base nessa premissa, emerge uma das maiores des-aprendizagens que Edgar infere em seu *livrinho*, a ideia de que *escre(vi)ve apenas o que quer escre(vi)ver*. Em suma, acaba por *copiar uma cópia degradada de sua experivivência*²¹ povoada pela perspectiva advinda de Walter Mignolo em *Histórias locais/projetos globais* (2003) das *conversas informais*²². Através delas, o des-poeta angaria em uma pluralidade de significações *outras* sua fronteira-sul,

¹⁴ GIULIANO *apud* NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 07.

¹⁵ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 102.

¹⁶ GIULIANO *apud* NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 07.

¹⁷ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 11.

¹⁸ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 11.

¹⁹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 11.

²⁰ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 11.

²¹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 12.

²² NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 13.

suas teorizações des-poéticas biográficas e toma para si o lugar de sujeito escrevinhador de suas grafias-de-bios²³ e sensibilidades locais de quem sobrevive, re-existe e escre(vi)ve a partir do outro lado da margem atravessado por uma diversidade de *nonadas*²⁴ fronteiriças. Logo, a condição basilar para sua des-poética se situa justamente na *introdução das configurações geoistóricas e biográficas nos modus operandi de produzir conhecimento ao permitir re-estruturações radicais dos aparatos de enunciações formais ditas originais*²⁵, ou seja, modernas-coloniais.

O des-poeta, quase que à moda de Jorge Luis Borges, ressalvadas suas diferenças, *rabisca os contornos imaginários de suas próprias bios-geo-grafias no chão limpo da fronteira-sul*²⁶ a qual, segundo suas palavras, conclama de Revolta²⁷. Essa denominação se dá pelo fato de seu *pensamento vira-lata*²⁸ se organizar à luz da obscuridade da inexistência, ou melhor, da exterioridade enquanto *tudo aquilo que foi rejeitado e ignorado pelo sistema moderno-colonial do Ocidente*²⁹ nas mais diversas áreas, não apenas no âmbito de sua formação universitária em Letras. Dessa forma, encontro a justificativa de minhas articulações acerca de Clarice Lispector e sua interrelação biográfica, intelectual e afetiva com Edgar, dado que, hoje, o des-poeta explicita a consciência *outra* de que *o lugar fronteirizo no qual se situa autentica sua condição de viver na borda do mundo dito globalizado*³⁰. Assim, a atualidade de sua reflexão *outro* reside, em especial, na compreensão de que *a diferença colonial do homem que vive na fronteira é que ele a sente no próprio corpo e se incrusta na língua e na maneira como se produz conhecimento*³¹.

²³ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 19.

²⁴ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 37.

²⁵ MIGNOLO *apud* NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 15.

²⁶ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 30.

²⁷ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 30.

²⁸ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 36.

²⁹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 36.

³⁰ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 79.

³¹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 79.

Respaldo nessa ideia, o des-poeta defende que *é a soma de tudo isso que resulta em uma epistemologia dos lugares fronteiriços*³². Enquanto um *teorizador vira-lata que pensa através de suas corpo-bio-políticas advindas da Revolta*³³, Edgar *partilha das ciências dos anthropos (exterioridade) e não das dos humanitas (interioridade)*³⁴, não só por habitar e sentir na carne o atravessamento da fronteira-sul, mas, justamente por aquilatar uma consciência crítica de matriz fronteiriça. Nesse intento, autointitula-se *filósofo vira-lata por agir guiado pelas opções descoloniais e pela desobediência epistêmica em detrimento à Razão dos Douros, das Leis e das Letras que impõem uma hegemonia pseudo-universal no refletir, teorizar e escre(vi)ver*³⁵, sobretudo, a partir desses *loci* situados nos arrabaldes do planeta. Calcado nesse viés teórico e des-poético de horizonte fronteiriço, leia-se paradigma *outro*, há a inscrição de uma consciência descolonial de que *só se pode escre(vi)ver melhor com base no biolocus de enunciação do des-sujeito da borda, uma vez que tal implicação se incrusta em sua argumentação e engasta modos pluriversais de teorizar e des-poetizar*³⁶.

Para o des-poeta da fronteira, essa é a condição inegociável *que assegura a presença das sensibilidades biográficas e locais*³⁷ em sua aprendizagem do des-aprender erigida no *livrinho* aqui em questão. Contudo, a dimensão citada vai além e transpassa tanto seus artigos, ensaios, orientações, aulas e *conversas informais*³⁸ no grupo de pesquisa (NECC), o qual coordena há quatorze anos, quanto em seus *livrinhos* des-poéticos desde a publicação do primogênito *Pântano* em 2014. Em certo momento de *O teorizador vira-lata*, Edgar alude ao significado comum de vira-lata justamente para destacar que suas insurgências des-poéticas extrapolam quaisquer limites de significante e significado disseminados no popular. Então, carregar essa insígnia em sua *práxis* de

³² NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 79.

³³ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 32.

³⁴ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 32.

³⁵ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 35.

³⁶ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 37.

³⁷ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 37.

³⁸ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 12.

escre(vi)ver implica *teorizar nonadas fronteiriças evocando na voz, no corpo e nos afetos marcas de um bios que retoma às heranças diretas dos bugres emergidos da Revolta*³⁹. Isso posto, entende que *seu corpo é uma continuidade da planície, sua história local é uma extensão de si*⁴⁰ e só um paradigma *outro* calcado em uma visada não-moderna poderia permitir ao homem-fronteira um empreendimento des-poético e conceitual como esse.

Face a isso, Edgar eleva o nível de incorporação com seu biolocus ao afirmar que *assim como habita a fronteira, essa o povoa e bordeja traços essenciais para a composição de sua paisagem biográfica de anthropos escre(vi)vendo da exterioridade*⁴¹. Nesse espaço de atravessamentos constantes de gentes e saberes periféricos, suas des-poesias tencionam *a fronteira-sul como um corpo incontornável, inabordável e incapturável em toda sua extensão*⁴² e que viver ali é um estado *infans* de atravessamento geoistórico e, primordialmente, epistemológico. É, ainda, *viver-entre-fronteiras, viver-entre-saberes, viver-entre-sentires*⁴³, para utilizar os próprios termos do des-poeta. A partir desse locus pluriversal, volta-se para as cosmologias *outras* e evoca o cerne de seu cântico fronteiriço-descolonial de des-aprendizagem: *aprender a desaprender para reaprender*⁴⁴ ao escre(vi)ver *uma teorização des-poética infinita sobre um entendimento sul-fronteiriço*⁴⁵ que não quer dizer outra coisa senão *desprendimento epistêmico*⁴⁶ enquanto condição inegociável de um paradigma *outro*.

No bojo da aprendizagem do des-aprender empreendida pela des-poética de Edgar, o que permeia as entrelinhas de seu discurso é justamente o corolário *outro*

³⁹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 37.

⁴⁰ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 17.

⁴¹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 31.

⁴² NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 58.

⁴³ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 31.

⁴⁴ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 31.

⁴⁵ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 31.

⁴⁶ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 46.

de que não basta mais *reescrever, reelaborar, desconstruir ou apenas desaprender nada*⁴⁷, aos moldes hegemônicos da modernidade/colonialidade. Com base nas reflexões do homem-fronteira, às *lições teóricas já formuladas na cultura*⁴⁸, só podemos oferecer desprendimento e desobediência, nunca um revisionismo acrítico à maneira que parte das universidades brasileiras parece replicar hospedando à exaustão teorias itinerantes que viajam sempre dos centros globalizados (interioridade) para as margens fronteiriças (exterioridade). Em síntese, *O teorizador vira-lata* nos convida a pensar atravessados por uma *des-gramática fronteiriça apregoada na des-ficcionalização*⁴⁹, isto é, *no viés de uma des-metaforização contraposta ao exercício de metaforizar tudo e todos tal qual se alastrou nas teorias contemporâneas*⁵⁰, a exemplo do que compete à formação universitária do des-poeta, nos estudos literários.

Dentre outras ideias descortinadas neste texto, o des-poeta assegura seu posicionamento crítico contra *a prática de repetir falácias ficcionalizantes*⁵¹ somada ao fato de uma teorização, imbricada no paradigma *outro*, jamais barganhar com *quaisquer possibilidades de novos universais abstratos passíveis ou não de substituírem os existentes*⁵². No que equivale ao ser-comparatista entremeadado em Edgar, o *livrinho* aqui discutido acaba por formular a hipótese de *comparar para des-comparar a fim de re-comparar*⁵³ corroborando que escre(vi)ver na esteira de um alicerce descolonial possibilitou a ele se desprender, inclusive, de sua própria formação acadêmica realizada aos moldes dos paradigmas modernos/coloniais. Essas suas muitas *memórias fronteiriças*⁵⁴, presentes em seus escritos desde aqueles realizados enquanto pesquisador e docente até o exercício des-poético aqui conjugado, *não nascem, nem morrem*,

⁴⁷ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 46.

⁴⁸ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 46.

⁴⁹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 46.

⁵⁰ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

⁵¹ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

⁵² NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 26.

⁵³ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 45.

⁵⁴ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 86.

*elas sobrevivem e são des-encobertas revelando ao mundo suas histórias locais e biográficas esquecidas e soterradas*⁵⁵.

REFERÊNCIAS

NOLASCO, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

Leitura Crítica Recebida em 15 de janeiro de 2022.

Leitura Crítica Aceita em 12 de abril de 2022.

⁵⁵ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 86.

